

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

VIVIAN ALVES DE OLIVEIRA

DECOLONIZANDO A CULTURA:

Reflexões sobre a experiência da comunidade Vila Flávia, zona leste de São Paulo.

RIO DE JANEIRO, 2023

VIVIAN ALVES DE OLIVEIRA

DECOLONIZANDO A CULTURA:

Reflexões sobre a experiência da comunidade Vila Flávia, zona leste de São Paulo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Alves dos Santos Junior

RIO DE JANEIRO, 2023

CIP - Catalogação na Publicação

048d Oliveira, Vivian Alves de
Decolonizando a Cultura : reflexões sobre a
experiência da comunidade Vila Flávia, zona leste
de São Paulo / Vivian Alves de Oliveira. -- Rio de
Janeiro, 2023.
32 f.

Orientador: Orlando Alves dos Santos Junior.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional,
Bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento
Econômico e Social, 2023.

1. Decolonialismo. 2. Cultura e território. 3.
Coletivos culturais. 4. Periferias. I. Santos
Junior, Orlando Alves dos , orient. II. Título.

VIVIAN ALVES DE OLIVEIRA


DECOLONIZANDO A CULTURA:

Reflexões sobre a experiência da comunidade Vila Flávia, zona leste de São Paulo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social.

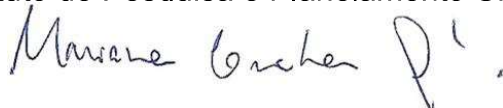
Aprovado em: 24/08/2023

BANCA EXAMINADORA

 Documento assinado digitalmente
ORLANDO ALVES DOS SANTOS JUNIOR
Data: 31/08/2023 11:25:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Orlando Santos Junior

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ



Profa. Dra. Mariana Luscher Albinati

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

AGRADECIMENTOS

Estar em uma universidade pública nem sempre foi um sonho, digo isso, porque em minha realidade, por muito tempo eu não tive a informação de que esse mundo era possível. No momento da descoberta, passei a sonhar com o acesso a esse espaço e me propus a realizar este sonho. Desde então, o percurso não foi fácil, entretanto, me engrandeceu e me transformou enquanto pessoa.

Desta forma, agradeço imensamente aos meus pais, Gracia e José, por me apoiarem em minhas decisões de cursar a graduação em outra cidade e por terem se esforçado a cada dia para que eu pudesse me manter na universidade. Sem vocês, eu nada seria.

Agradeço ao meu orientador, Orlando, por ter tornado o percurso mais leve e por toda a paciência e compreensão ao lidar com meus processos de descoberta em relação ao tema.

Aos meus amigos, Bruna, Andressa, Marcela, Liara, Lidiane, Camylla, Joyce, Anthony e Gustavo que fizeram a faculdade ser uma das melhores experiências da minha vida e por compartilharem comigo as dores e delícias do que é ser uma jovem universitária.

Ao meu companheiro, Deoval, por ter me inspirado na escolha do tema e por todo o companheirismo que foi fundamental nos momentos difíceis em que precisei de apoio.

Ao hip-hop que foi a minha escola de formação política e ampliou minha visão de mundo. Ao meu território de origem, São Mateus, que me inspirou a chegar aonde eu cheguei, e que me levou a enxergar a força e potência dos jovens da periferia.

Ao São Mateus em Movimento e ao Grupo Opni por fazerem parte da minha trajetória e por serem referência para mim.

Sigo pronta, para trilhar novos caminhos, levando tudo o que aprendi para onde eu me movimentar.

[...] Salve o saber que é diálogo, que é horizontal, sem melhor nem pior, de igual para igual. Viva a experiência que é pós abissal, que não é científica nem ocidental. Que não conhece sobre, conhece com. Que é intervenção, não representação. Que é colaborativa, não extrativista, que é uma aposta, é utópica, mas é viva.

“Esquecer tudo aquilo que aprendeu para aprender o que não se conheceu.”

- Renan Inquérito, Boaventura de Sousa Santos, 2018.

RESUMO

O presente artigo busca analisar, através de uma concepção decolonial, de que forma a atuação de coletivos culturais contribui na transformação do território periférico, ao preencher lacunas deixadas pelo Estado. Neste contexto, utiliza-se como recorte a comunidade da Vila Flávia, em São Mateus, na zona leste de São Paulo, analisando as motivações que influenciaram as intervenções realizadas pelos coletivos. Inicialmente, são apresentados o conceito de decolonialidade e breve referencial teórico, objetivando introduzir a concepção que será utilizada na pesquisa. Em seguida, através de pesquisa documental e três entrevistas realizadas com integrantes dos coletivos, são apresentados os coletivos culturais e as experiências provocadas por eles no território. Por fim, diante das análises apresentadas, a pesquisa permitiu aprofundar o debate sobre a importância da atuação política dos movimentos sociais em um cenário que, inicialmente, não favorecia a execução de políticas públicas culturais na região e que influenciava diretamente na deslegitimação de suas vivências e saberes culturais.

Palavras-chave: decolonialidade; cultura; periferia; coletivos; território.

ABSTRACT

This article seeks to analyze, through a decolonial conception, how the acting of cultural groups contributes to the changing of the suburb area, by filling gaps left by the State. In this context, the community of Vila Flávia at São Mateus district, in São Paulo city east side, is used as snippet to discuss the motivations that influenced the interventions performed by this groups. Initially, the concept of decoloniality and a brief theoretical reference are presented, aiming to introduce the conception that will be used in the research. Then, through documentary research and three interviews with members of the groups, the cultural groups and the experiences provoked by them in the area are presented. Finally, in view of the analyzes presented, the research developed the discussion on the value of the political action of social movements in a scenario of disadvantage for the execution of cultural public policies in the area and that directly influenced the delegitimization of their experiences and cultural knowledge.

Keywords: decoloniality; culture; community; groups; territory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PENSAMENTO DECOLONIAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS PERIFÉRICAS.....	9
3 DO APAGAMENTO SOCIAL À RESISTÊNCIA CULTURAL: AÇÕES E DESAFIOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA VILA FLÁVIA.....	13
3.1 A formação urbana e administrativa do bairro de São Mateus.....	13
3.2 Diversidade cultural na produção periférica de São Mateus.....	14
3.3 O nascimento de um novo líder: coletivos culturais e ações decoloniais na Vila Flávia.....	16
4 DECOLONIALIDADE DA CULTURA NA PERIFERIA: UM ATO POLÍTICO	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

A definição do conceito de cultura na sociedade contemporânea não se limita a apenas um significado, assim como não está restrita à esfera artística. A cultura pode ser entendida como todas as práticas, expressões e manifestações de um indivíduo ou de uma sociedade. (FRYDBERG, 2019, p. 10)

No campo das políticas públicas voltadas para a promoção de direitos culturais, a cultura não pode ser pensada como unidade e nem de forma fixa e estática, mas sim como um conjunto múltiplo e multidirecional, em constante diálogo com a diferença e, conseqüentemente, em constante mudança. (FRYDBERG, 2019, p.14). No entanto, há uma disputa política no que tange à legitimidade da cultura, visto que, há padrões culturais tidos como tradicionais que são impostos por grupos dominantes ao restante da sociedade (ALBINATI, 2016, p. 26) e que impedem que outras práticas sejam reconhecidas e legitimadas como cultura, como por exemplo, as práticas sociais culturais periféricas.

Neste sentido, o presente artigo busca analisar o processo de articulação cultural dos coletivos culturais atuantes da Vila Flávia, comunidade pertencente ao bairro de São Mateus, localizado na zona leste de São Paulo, visando reconhecer às práticas culturais executadas e compreender concepções decoloniais por trás delas, refletindo a respeito da pergunta: No que contribui ao território da Vila Flávia a experiência cultural destes coletivos? A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e de pesquisa documental, através de três entrevistas com integrantes dos coletivos da Vila Flávia.

O artigo foi elaborado em três seções. Inicialmente, são apresentados os conceitos base que visam contribuir na análise do objeto. Para tal, mencionamos importantes produções acadêmicas acerca da temática do decolonialismo na América Latina, assim como analisamos experiências decoloniais brasileiras no campo da cultura. Ao obter essa aproximação do referencial teórico, buscamos compreender de que forma o pensamento decolonial está presente, explicitamente ou implicitamente, no resgate das identidades periféricas dos movimentos culturais da Vila Flávia e em suas ações.

Na segunda seção, analisamos através de pesquisa documental e entrevistas coletadas, as motivações e a origem do processo de auto-organização dos coletivos

culturais. Além disso, buscamos fazer, através de revisão bibliográfica, um breve panorama histórico do Distrito de São Mateus através de sua formação urbana, assim como realizamos um levantamento dos dados populacionais e culturais da região, visando analisar a forma que o contexto impacta a comunidade da Vila Flávia. Na terceira seção, buscou-se refletir acerca da contribuição política que os coletivos culturais, por meio de sua auto-organização e ações, trouxeram para o território da Vila Flávia.

Ao apresentarmos a discussão, considerando a escassez do tema de decolonialidade e cultura no cenário brasileiro, o debate se faz importante do ponto de vista da Gestão Pública, no sentido de compreender a necessidade de um olhar decolonial na formulação de políticas públicas, principalmente no campo da cultura, assim como à urgência de agendas que reconheçam e fortaleçam a atuação dos grupos culturais no planejamento do espaço urbano, tendo em vista que estes constituem relações com os espaços e que sua organização muitas vezes ocupa lacunas deixadas pelo Poder Público.

2 PENSAMENTO DECOLONIAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS PERIFÉRICAS

O objetivo deste capítulo é refletir a respeito do que seria o pensamento decolonial e como este pensamento está presente em ações que visam resgatar e valorizar as identidades culturais na periferia. Serão apresentados também, de forma breve, os conceitos de colonialidade e decolonialidade, que servirão de base para as reflexões sobre a experiência cultural analisada neste artigo. Afinal, de que forma o pensamento colonial nos desconecta da nossa própria cultura?

Considerando que, no campo das epistemologias, a ciência moderna favoreceu a propagação do eurocentrismo através de teorias hegemônicas, que além de legitimarem o padrão de poder e as relações de capital, (QUIJANO, 2000. p. 118), descredibilizaram os conhecimentos diversos que não serviam aos seus interesses, desperdiçando conseqüentemente muitas experiências sociais, resultando em uma redução da diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, como aponta Boaventura Santos. Diante do contexto de divergência com as teorias clássicas e inclusive com o próprio movimento pós-colonial que deu início aos estudos

decoloniais, constituíram-se ao final da década de 1990, o Grupo Modernidade/Colonialidade, que teve importante papel no desenvolvimento de teorias críticas voltadas a romper com a visão eurocêntrica e trazer a América Latina para o cerne da discussão, atribuindo identidade e vocabulário próprio, de forma a contribuir para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI (BALLESTRIN, 2013, p. 99).

O conceito de colonialidade do poder, criado em 1989 por Aníbal Quijano, trata-se de uma constatação simples de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não se findaram com a destruição do colonialismo (BALLESTRIN, 2013, p. 99). Isto é, apesar do fim da colonização histórica, responsável por dominar o território dos países periféricos e impor a identidade do colonizador em supressão às identidades diferentes existentes, os resquícios desse período permanecem perpetuados intrinsecamente às culturas. Não se trata, portanto, apenas de exploração territorial, mas também da exploração de mentes e corpos. Essa dominação ainda se mantém atual, de forma que, o fim das relações coloniais pode ser definido como uma realidade, mas a estrutura de dominação não, e encontra-se enraizada na sociedade. Diante disso, o conceito de colonialidade buscaria nada mais que iluminar uma face oculta da modernidade (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2013).

A colonialidade, em sua esfera, fortalece formas de controle como por exemplo o controle da economia, da autoridade, da natureza e recursos naturais, gênero e sexualidade, subjetividade e conhecimento. O controle do conhecimento, por sua vez, limita que os povos marginalizados conheçam efetivamente a sua própria história, cultura e ancestralidade.

Apesar da grande contribuição do Grupo Modernidade/Colonialidade para a América Latina em relação ao tema, alguns estudos já vêm analisando o fato de não haver pesquisadores brasileiros pertencentes ao grupo, assim como o fato de não existir um reconhecimento das produções decoloniais existentes no Brasil, inclusive aquelas que apesar de não se intitularem como decoloniais, já vinham buscando romper com o padrão de história contada somente pela perspectiva da Europa Ocidental. Caio Barbosa Portela faz referência a algumas experiências brasileiras existentes antes do grupo M/C. Segundo ele, essas “bases críticas ao modelo dominante de racionalidade são mais próximas da perspectiva decolonial do que dos cânones do pensamento social clássico” (PORTELA, 2021, p. 4), como por exemplo, O Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado por Abdias do Nascimento (1914-

2011), importante prática cultural decolonial que surgiu também de um contexto de resistência, assim como o objeto que será discutido neste trabalho. O TEN tinha o objetivo de combater o racismo, fortalecer a valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, e o de criar um novo estilo dramático, com uma estética própria, e não apenas uma recriação do que era produzido em outros países, funcionando como um agente de ação social. Conforme destaca Nascimento (2004, p.13),

O TEN visava a estabelecer o teatro, espelho e resumo da peripécia existencial humana, como um fórum de idéias, debates, propostas, e ação visando à transformação das estruturas de dominação, opressão e exploração raciais implícitas na sociedade brasileira dominante, **nos campos de sua cultura, economia, educação, política, meios de comunicação, justiça, administração pública, empresas particulares, vida social, e assim por diante**. Um teatro que ajudasse a construir um Brasil melhor, efetivamente justo e democrático, onde todas as raças e culturas fossem respeitadas em suas diferenças, mas iguais em direitos e oportunidades. (NASCIMENTO, 2004, p.13, **grifo meu**)

Na contemporaneidade, o Teatro Experimental do Negro é mencionado no documentário “AmarElo - É Tudo Pra Ontem (2020)”, do rapper Emicida, como uma potente ferramenta artística e política. O documentário também faz um apanhado histórico de experiências culturais da população negra no Brasil, dentre elas, menciono aqui com destaque a exportação da cultura hip-hop ao Brasil¹, importante evento que se relaciona ao objeto de análise, mas ressalto que não é nosso objetivo nos aprofundar na formação do hip-hop e como seus elementos desencadearam processos de transformação social e de formação política para jovens urbanos. Entretanto, é importante mencionar que o hip-hop foi criado por jovens negros e pobres dos Estados Unidos no início dos anos 1970 em um momento que o capitalismo mundial enfrentava uma forte crise econômica, e esse movimento se consubstanciou como forma de resistência e organização contra as mazelas sociais

¹ O Hip-hop chegou no Brasil por volta de 1980, mais precisamente na cidade de São Paulo. Nesta época, grupos de break dance se reuniam no Largo de São Bento para batalhas de dança, mas também para trocar experiências. Além de dançarinos, se reuniam rappers, DJs e grafiteiros, todos os elementos da cultura. Consultar: O Hip-Hop Está Morto! : A História do Hip-Hop no Brasil / Toni C. -- São Paulo: edição do autor, 2012.

vividas pelas grandes cidades.² O rap, um dos elementos que integra a cultura hip-hop, assim como o break e o grafite, é um estilo musical que une ritmo e poesia e que se expandiu no cenário brasileiro, Emicida (2020) registra que o Rap:

se espalhou pelas periferias do Brasil e se tornou um movimento de conscientização a respeito do racismo e da desigualdade social. Apesar do descaso da indústria, vende milhões de cópias e se transforma no primeiro grande veículo que conecta as classes operárias às ideias dos intelectuais pretos brasileiros e é vinculada a todas as conquistas da classe trabalhadora desde então. (EMICIDA, 2020)

Neste sentido, quando se fala de Brasil, a música rap ocupou uma forte esfera de engajamento político ao retratar em suas letras as violências cometidas pelo Estado e a invisibilidade dos sujeitos periféricos enquanto sujeitos de direitos. Trouxe voz à periferia, incentivando-a se desenvolver enquanto potência e a desenvolver pensamento crítico para questionar o lugar de subalternidade em que é colocada. Em síntese, há um potencial emancipatório presente na cultura hip-hop que a torna além de movimentos artístico, um movimento político. O movimento obteve papel importante em momentos decisivos da história do Brasil, seja denunciando a censura ocorrida no período da ditadura militar, a violência do Estado que ocorria às margens das cidades, as discriminações sociais e raciais; as cobranças aos governos por melhorias na educação, saúde e nos direitos básicos e sendo também instrumento de lazer e diversão das classes trabalhadoras. É um movimento cultural que relata em sua arte, a complexidade do último país do continente americano a ter abolido a escravidão. Por fim, o hip-hop trabalha no resgate da valorização de sua própria cultura, contada da perspectiva dos povos marginalizados, e não mais de perspectivas importadas em favor da colonização. Desta forma, o hip-hop evidencia-se como um exemplo de prática cultural decolonial, que influenciou diversos jovens e adultos a se engajarem, socialmente e politicamente, para transformar a realidade dos territórios periféricos.

² Rosenwerck Estrela Santos analisa de forma precisa a história do hip-hop relacionando ao contexto neoliberal e as políticas recessivas da época. Consultar: SANTOS, Rosenwerck Estrela. A HISTÓRIA DO HIP-HOP: resistência da juventude negra no contexto neoliberal. Cultura Crítica, v. 7, p. 16-24, 2011.

3 DO APAGAMENTO SOCIAL À RESISTÊNCIA CULTURAL: AÇÕES E DESAFIOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA VILA FLÁVIA

O objetivo desta seção é apresentar como se deu o processo de articulação dos coletivos culturais da Vila Flávia, que vem resultando em ações importantes na promoção do direito à cultura e educação crítica no bairro e no fomento de uma cidadania cultural e decolonial. Para isso, inicialmente é traçado um breve histórico da formação urbana do distrito de São Mateus, analisando o contexto social da época e os desdobramentos que ocasionaram em processos que contribuíram na segregação e desigualdade dos territórios mais afastados das regiões centrais das grandes metrópoles até os dias de hoje.

Posteriormente, analisamos os dados populacionais do bairro, assim como dados referentes à carência de equipamentos culturais sob responsabilidade do Poder Público. Em contrapartida, também analisamos a diversidade e riqueza cultural existente na produção periférica de São Mateus, através do mapeamento de coletivos culturais pertencentes ao território. Por último, buscamos investigar as motivações e os desafios vivenciados por integrantes dos coletivos da Vila Flávia ao promoverem ações culturais e educacionais no território.

3.1 A formação urbana e administrativa do bairro de São Mateus

O processo de urbanização brasileiro, especificamente nas grandes metrópoles, é marcado por um intenso crescimento populacional atrelado a um grande movimento de construção urbana para o assentamento residencial da população, bem como para a satisfação de suas diversas necessidades. Contudo, esse processo também é marcado por uma segregação territorial, tendo em vista que, o mercado priorizou as classes médias e altas e não se abriu para a maior parte da população que buscava moradia. (MARICATO, 2000). Esse contexto contribuiu para que as periferias crescessem mais do que os núcleos centrais, consequentemente implicando em um aumento das regiões pobres.

A partir desse processo, constituíram-se regiões que, devido às suas características, representam a expressão do modelo de desenvolvimento urbano

marcado pela desigualdade. Em referência a esse modelo, analisamos a comunidade da Vila Flávia, que pertence ao território de São Mateus, um bairro que carrega conquistas adquiridas através de processos de lutas sociais em prol de serviços públicos, processos que ainda carecem de maior atenção da historiografia.

São Mateus é relatado como uma antiga grande fazenda adquirida pela Família Bei (Mateo e Salvador Bei), que posteriormente deu início ao loteamento da região, iniciativa que culminou na transformação em bairro³. Todo o histórico relatado, porém, traz exaltação aos “fundadores” e a seu “pioneirismo”, em uma perspectiva que apaga a participação de sujeitos históricos que foram fundamentais para o processo de urbanização da área. (SOUSA, A. J, 2018).

No sentido administrativo, a subprefeitura regional a qual São Mateus está vinculada abarca três subdistritos: São Mateus, Parque São Rafael e Iguatemi, entretanto, nos utilizaremos somente dos dados deste primeiro, exceto quando houver menção dos coletivos culturais das regiões, considerando que estes serão importantes aliados no mapeamento e fortalecimento das práticas culturais da região e para a discussão do objeto da tese, a experiência de decolonialidade da cultura no território periférico da Vila Flávia.

3.2 Diversidade cultural na produção periférica de São Mateus

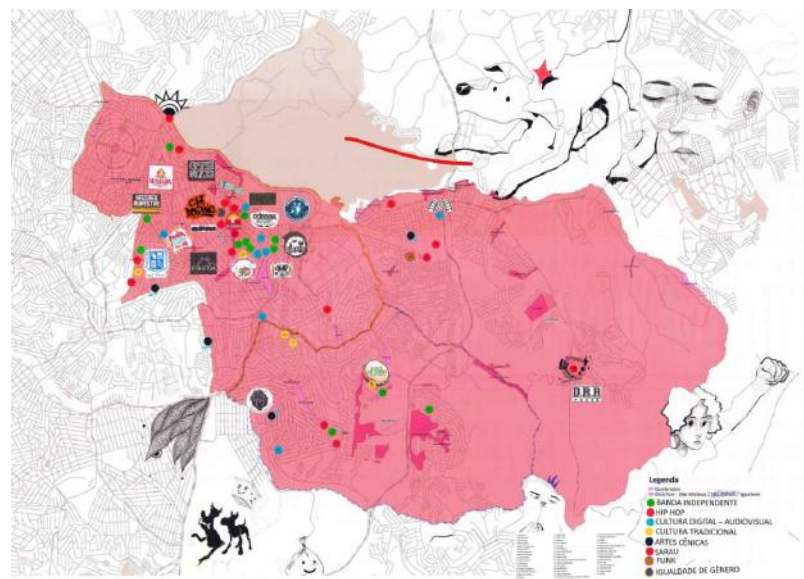
Segundo o Censo de 2010, o distrito de São Mateus conta com cerca de 155.140 habitantes e possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,732, número próximo à realidade da maior parte dos bairros da zona leste da cidade. Em relação aos equipamentos culturais, o site da Secretaria Municipal de Cultura indica apenas uma Casa de Cultura, que foi fruto da luta do Fórum de Cultura da região, através da reivindicação de um centro para fortalecer a cultura local. Cabe mencionar, que as Casas de Cultura possuem um importante papel no fomento das produções culturais regionais, seu modelo foi pensado através do projeto de Cidadania Cultural na gestão 1989-1992 da Secretária de Cultura da época, Marilena Chauí, e posteriormente consolidado através da Lei nº 11.325/1992. Apesar da

³ Consultar

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438

existência da Casa de Cultura São Mateus, ainda de acordo com os dados, espaços como bibliotecas, teatros, cinemas e museus geridos pelo Poder Público não constam no bairro. Por outro lado, de acordo com o mapeamento desenvolvido na Cartografia cultural de São Mateus (Figura 1), realizada em parceria com o São Mateus em Movimento, Fórum de Cultura e a Casa de Cultura de São Mateus, incluindo os três distritos, foram identificados cerca de 47 grupos atuantes no território, dentre eles grupos inseridos em algum elemento da cultura hip hop, grupos de cultura tradicional, como por exemplo o “Berço do Samba de São Mateus”, saraus, coletivos de audiovisual e cultura digital, bandas independentes, dentre outros.

Figura 1 - Cartografia cultural de São Mateus



Fonte: Mapas Coletivos, 2018.

Entretanto, apesar da diversidade cultural existente e do histórico de lutas sociais no bairro, ainda há pouca divulgação de produções institucionais que relatam estas experiências e suas contribuições ao território. Há uma perspectiva abissal que gera descredibilidade e apagamento dos conhecimentos e práticas produzidas por estes grupos, o que Boaventura Santos denominaria de “o outro lado da linha”, ou seja, há uma distinção que divide a realidade social em dois universos, em dois lados, o “deste” e o “outro”. Essa divisão é tão marcada, de forma que, tudo que é produzido do outro lado da linha é tido como inexistente. É como se todas as experiências desenvolvidas nesse território fossem invisíveis, assim como aqueles que as

produzem. Trata-se, portanto, de uma herança colonial, que durante muito tempo, e ainda hoje, refere-se aos conhecimentos que não são baseados em critérios científicos, filosóficos ou teológicos como incompreensíveis.

Neste sentido, ao analisar a existência de apenas um equipamento cultural gerido pelo Poder Público na região, podemos identificar que apesar de haver diversidade e vasta produção cultural no bairro, há poucas ferramentas e agendas públicas que priorizem a atuação destes grupos. Não é como se as manifestações culturais dependessem do Estado para acontecer, pelo contrário, os próprios coletivos visam não serem dependentes da esfera pública, mas ainda assim há necessidade de um diálogo intersetorial, visando uma construção democrática e participativa dos grupos culturais nas políticas públicas.

3.3 O nascimento de um novo líder: coletivos culturais e ações decoloniais na Vila Flávia

A partir da década de 1990, há um crescimento expressivo de coletivos que passaram a realizar atividades culturais na periferia, em um contexto historicamente marcado pelo avanço neoliberal, que resultou em eventos como o aumento da violência, das desigualdades sociais, repressão, baixas nos salários, desemprego e do descrédito nas instituições representativas, como partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, dentre outras (D'ANDREA, 2013). É diante desse contexto de insatisfação com a precariedade e com a invisibilidade enfrentada pela periferia, inclusive no âmbito cultural, que movimentos sociais do território de São Mateus, na comunidade da Vila Flávia, em busca de sua emancipação social e política, se auto-organizaram através da cultura e do movimento hip-hop. Essa auto-organização, subsequentemente, já nos anos 2000, difundiu a promoção de ações educativas e culturais em prol da comunidade, assim como à valorização da região e de seus moradores, por meio de projetos que retratam a estética periférica através de suas subjetividades e pluralismos. Nesta perspectiva, destaco o papel de importantes coletivos que contribuem no desenvolvimento de ações decoloniais no território da Vila Flávia, e que colaboraram para este trabalho através de seus relatos em

entrevistas. Dentre as ações que menciono aqui, há a fundação da Associação São Mateus em Movimento e a criação do projeto Favela Galeria desenvolvido pelo Grupo Opni, coletivo de grafiteiros da região.

Apesar de os integrantes se organizarem desde à década de 1990, o espaço São Mateus em Movimento foi fundado no ano de 2007, quando a Dona Vera, uma mulher negra, periférica e importante referência no bairro, oferece parte do espaço de sua casa para que seu filho possa ensinar capoeira e desenvolver atividades que possam mobilizar o bairro. Seu filho, Fernando Rodrigo de Carvalho, mais conhecido como Negotinho, é rapper, ativista e fundador do São Mateus em Movimento, ele relata que o espaço surge em forma de protesto pelas lideranças periféricas ao identificarem que a mensagem política que desejavam transmitir para a juventude, através do movimento hip-hop, não chegava de forma adequada ao território. Para eles, era importante que os jovens não ficassem com o tempo ocioso na rua, e que pudessem obter conhecimentos culturais, estes os quais, eles já vinham expandindo pela cidade de São Paulo e pelo Brasil. Negotinho relata que dentre as atividades realizadas no espaço, haviam ensaios das músicas dos artistas locais, aulas de capoeira, trocas de ideias sobre ações culturais, territoriais e periféricas, e que neste período eles não enxergavam dificuldades para o desenvolvimento das ações e portanto, passaram cinco anos atuando de forma totalmente voluntária, sem qualquer financiamento. Entretanto, com o passar do tempo, o espaço São Mateus em Movimento foi crescendo e no ano de 2011, os ativistas concluíram que era necessário a obtenção de um CNPJ como Associação, para a captação de recursos através de projetos e editais. Com isso, criaram a Associação de Arte, Cultura e Educação São Mateus em Movimento, que definem como uma organização apartidária, considerada “nem de esquerda, nem de direita, mas sim um movimento que faz de tudo para trazer uma melhor qualidade de vida para o ser humano periférico.”, conforme relata Negotinho.

Apesar da institucionalização através da criação de CNPJ, o que facilitou a captação de recursos, surgiram outros desafios e barreiras para a execução das ações, como por exemplo, o cenário de competitividade e disputa entre os coletivos para concorrer a editais, cenário este promovido em razão de uma expansão crescente nos fomentos decorrentes das políticas culturais que vinham sendo implementadas, programas como o VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), Pro-Mac (Programa Municipal de Apoio a Projetos Culturais), Programa Agente Comunitário(a)

de Cultura, dentre outros⁴, e também em razão da difusão do conhecimento voltado para a captação de recursos, como por exemplo através de oficinas de elaboração de projetos culturais, realizadas inclusive no São Mateus em Movimento. Outro desafio evidenciado, foi o enfraquecimento da mobilização e do engajamento de voluntários, nos casos em que não houvesse projetos em vigência para recebimento de recursos. Mas mesmo diante dessas adversidades, o espaço continuou resistindo e se amplificou o papel de cunho político e educacional dos ativistas periféricos. Atualmente todas as atividades ofertadas gratuitamente no espaço são voltadas para o desenvolvimento da comunidade enquanto potência, seja através da arte, esporte, cultura, educação ou tecnologia. Para além dessas agendas culturais, há um compromisso também dos ativistas de exercerem um diálogo constante com o poder público para o atendimento de demandas que agravam a vulnerabilidade social na região, visando fortalecer a qualidade de vida no território.

Rafaela Maiara, Pedagoga, Mestra em Educação e Articuladora Cultural do São Mateus em Movimento relata que se aproximou do espaço através do convite de conhecidos para participar do sarau que era realizado, o Sarau Comungar. Na época, ela estava no segundo ano da faculdade e conta que o interesse surge principalmente em razão do sarau ser um espaço que além das expressões artísticas, como recitação de poesias, teatro e música, era um espaço de formação política. Rafaela conta que passou a participar cada vez mais dos debates de educação formativa e educação não formal nas oficinas do espaço, assim como também aprendeu nas oficinas a elaborar projetos culturais para a captação de recursos, conseguindo através de editais captar recursos para desenvolver um projeto para mulheres do território, o projeto Flor e Ser do coletivo Clã Destino, o qual fazia parte. Rafaela faz uma cronologia da linha do tempo das ações e da consolidação do espaço, e ao final da nossa entrevista ela menciona que foi quando esteve envolvida no trabalho formativo do espaço, que passou a valorizar mais a cultura periférica e sentir pertencente, identificando o impacto que o espaço tem na região para a comunidade. Nesta lógica, ao analisarmos esse discurso, refletimos a respeito da visão almejada pelo São Mateus de Movimento que é a de “Contribuir para o processo de construção coletiva com ações voltadas para o desenvolvimento de noções de pertencimento, identidade

⁴ Bernard Tjabbes faz a cronologia da política cultural municipal em São Paulo de 1935 a 2016. Consultar: TJABBES, Bernard Alexander Lemos e BONDUKI, Nabil Georges. Políticas culturais municipais em São Paulo (1935-2016): uma abordagem territorial. 2021.

e cidadania”, relacionando às experiências aqui relatadas como importantes práticas decoloniais da cultura.

Figura 2 – Visita guiada de estudantes no espaço do São Mateus em Movimento.



Fonte: Memorial da América Latina, 2011.

Figura 3 – Ação cultural de Dia das Crianças em frente à sede do São Mateus em Movimento.



Fonte: Facebook São Mateus em Movimento, 2021.

Já o Grupo Opni, coletivo de grafiteiros da Vila Flávia, foi fundado em 1997, o nome utilizado foi pensado de forma a fazer uma analogia com o termo “Óvni”, definindo-se, portanto, como “Objetos Pixadores Não Identificados”, em razão de os artistas se sentirem deslocados e invisíveis para a sociedade. Com o passar do tempo, a sigla ganhou outros significados, como Os Policiais Nos Incomodam e Os Prezados Nada Importantes, entretanto, atualmente é contemplada apenas como Opni.

O trabalho do grupo carrega um legado de ressignificar a arte no território, e suas intervenções já atravessam diversos lugares do mundo, como os EUA, Canadá, Chile e Portugal. Segundo Toddy, artista, grafiteiro, ativista e um dos fundadores do Grupo Opni, ele se sente um sucessor de tudo que foi construído na comunidade. Para Toddy, o Brasil deve muito ao movimento hip-hop, pois este foi extremamente importante ao transformar diversas políticas públicas no país. O Grupo Opni denuncia em suas obras as mazelas de um sistema de oportunidades desiguais e de segregação socioespacial, e dão voz aos povos periféricos através da promoção do autoconhecimento e do resgate das identidades dos oprimidos pelo sistema colonial. Um dos principais projetos do coletivo, inicialmente chamado de “Galeria à Céu Aberto” e hoje reconhecido como “Favela Galeria” é um trabalho que consiste promover na comunidade da Vila Flávia, uma verdadeira exposição de arte periférica através de ruas e vielas graffitadas, onde as obras retratam à própria periferia, as desigualdades sociais presentes nela, e a população negra e periférica enquanto protagonistas de suas histórias (Figura 3 e Figura 4). O projeto tem o objetivo de trazer reflexão através de uma mensagem nas obras, que visa provocar e estimular o pensamento crítico, além de promover o acesso da comunidade à arte e ao intercâmbio cultural, tendo em vista, que o projeto convida artistas de todas as localidades do país e do mundo para participar.

Através de uma intervenção realizada com outros coletivos, pintou-se em uma das ruas da Vila Flávia (Figura 5), a frase “Está Nascendo um Novo Líder”, que faz referência à letra do samba “Zé do Carçoço” da artista Leci Brandão. O objetivo da escolha da frase foi demonstrar que futuras lideranças de ideias sociais e políticas estão na periferia, como descreve Will Alexandrino, do Nosartivistas e Catata Crazy, do Favela Galeria em entrevista ao veículo G1 SP.⁵ Essas lideranças vem

⁵ Reportagem a respeito de intervenções realizadas em 2020 nas comunidades da zona leste de São Paulo: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/12/19/frases-esta-nascendo-um-novo-lider-e-salvem-nossas-criancas-sao-pintadas-em-comunidades-da-zona-leste-de-sp.ghtml>

desenvolvendo uma prática emancipatória ao (re)construir a identidade do sujeito periférico, e trazendo à tona a importância dos saberes populares na ruptura dos aprisionamentos consequentes da mentalidade eurocêntrica.

Figura 3 – Sentimentos, Grupo Opni, São Mateus, SP, 2011.



Fonte: Site Memorial da América Latina, 2011.

Figura 4 – Benção de Mãe, Grupo Opni São Mateus, SP, 2010.



Fonte: Site Memorial da América Latina, 2010.

Figura 5 – Intervenção realizada coletivamente. São Mateus, SP.



Fonte: Instagram Favela Galeria, 2020.

4 DECOLONIALIDADE DA CULTURA NA PERIFERIA: UM ATO POLÍTICO

O Distrito de São Mateus, o qual está inserido a comunidade da Vila Flávia, possui um histórico de lutas sociais fundamentais para o desenvolvimento de serviços públicos no bairro, em diversas áreas, como cultura, mobilidade urbana, saúde e educação. Entretanto, identificamos que ainda há uma escassez de produções acadêmicas que analisem a localidade e os processos vivenciados. Para pensar o desenvolvimento das cidades e do espaço urbano, é necessário reconhecer e incorporar as demandas das periferias, que concentra a maior parte da força de trabalho na cidade, se constituindo em agentes fundamentais para a movimentação da economia. Periferia aqui não tem um sentido geográfico, mas socioespacial, expressando espaços que concentram as populações subalternizadas política, social e economicamente. Mas a periferia também expressa potência, nas suas resistências

e nas suas formas de organização do cotidiano. Pela sua importância, ainda parece haver pouco interesse da academia, governos e instituições para analisarem os processos desenvolvidos nos territórios das periferias, como por exemplo, o da Vila Flávia. Seguindo a literatura adotada neste trabalho, podemos constatar que as epistemologias tradicionais ainda não identificam as experiências aqui construídas como formas de conhecimentos relevantes à sociedade.

Nesse artigo buscamos refletir como a experiência dos movimentos culturais da Vila Flávia é altamente relevante para o debate da gestão pública, em razão de sua contribuição com a produção democrática do espaço e com a promoção de direitos sociais em um contexto marginalizado. Interpretamos, dessa forma, a intervenção cultural produzida pelos coletivos no território da Vila Flávia, como um movimento decolonial, de cunho político e social, que carrega importante papel na ruptura dos estigmas da cultura hegemônica, cuja característica não contempla as subjetividades existentes. Esse movimento tem sua origem em decorrência de dois fatores já mencionados: i) as dificuldades encontradas pelos moradores da periferia no acesso às opções de lazer e cultura, que por vezes, são distribuídos de maneira desigual pela cidade e ii) o reconhecimento/valorização da produção e cultura periférica.

O primeiro fator elencado, que são as dificuldades no acesso às opções de lazer e cultura, dialoga diretamente com o que Milton Santos chamou de “exílio na periferia” (Maricato, 2001), ou seja, no sentido físico e estrutural, para que um jovem, morador de um bairro popular da zona leste possa se locomover pela cidade, há altos custos com transportes coletivos, custos que não refletem as condições reais dos trabalhadores, portanto, a mobilidade urbana na periferia ainda é um desafio, e apesar de governos municipais terem desenvolvido políticas que objetivam ampliá-la eficientemente, como o caso da criação de ciclovias, ainda faltam projetos que promovam a conscientização e o incentivo para o uso de bicicletas. Neste ponto, um fato interessante a ser observado é o de projetos de bicicletas compartilhadas existirem apenas nas regiões centrais. Um segundo ponto, além do sentido físico e financeiro, que dificulta os acessos dos moradores de periferia a lazer e cultura nas regiões centrais e afastadas, é o fato de não se sentirem pertencentes a essas esferas, muitas vezes por se depararem com ambientes elitistas que contemplam pouco ou quase nada de representatividade e diversidade. Essa dificuldade dos acessos também ocorre dentro da periferia, quando há desconhecimento dos moradores em relação às raízes do bairro em que estão inseridos, assim como da

produção cultural que é desenvolvida nele. Portanto, ter opções de acesso à cultura nas regiões periféricas permite a ampliação do exercício de direitos sociais e possibilita o conhecimento da cultura local, contribuindo para o fortalecimento de uma visão decolonial do que é a arte e a cultura periférica.

Em relação ao fator de reconhecimento e valorização da produção e cultura periférica, digamos que em um contexto mais generalizado, as periferias muitas vezes são atreladas à estereótipos negativos e acabam sendo conhecidas por indicadores de subdesenvolvimento e índices de violência. Ainda que, acabem sendo diretamente atingidas pelas desigualdades sociais, as periferias se reinventam todos os dias através da busca por uma melhor qualidade de vida e de direitos básicos. Neste sentido, a comunidade da Vila Flávia vem se reinventando através da coletividade, da arte, da cultura e da educação. Como já mencionamos anteriormente, o bairro de São Mateus a qual faz parte, possui uma vasta diversidade artística e um importante histórico-cultural. Para os coletivos culturais da Vila Flávia, apresentar para o mundo essa vasta diversidade e a forma que é desenvolvida a arte e cultura no território, é justamente trazer um olhar para uma narrativa que fora invisibilizada por tanto tempo, assim como romper de vez com os estereótipos negativos.

A construção do que é desenvolvido pelo São Mateus em Movimento dialoga com as demandas e necessidades da comunidade, e as ações realizadas, tanto no campo da cultura, quanto no campo educacional, visam fortalecer a autonomia e o desenvolvimento de jovens e crianças, de uma forma visionária, buscando acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo globalizado, mas incentivando a valorização e o pertencimento dos moradores em relação àquele território. Além disso, a associação exerce um importante papel fiscalizador, considerando que, as lideranças do espaço estão sempre em contato com a subprefeitura regional responsável pela região, através de ofícios e reuniões para o atendimento das demandas locais da comunidade, como por exemplo, as demandas de iluminação pública. Já no que tange à construção das ações do Grupo Opni, como o projeto Favela Galeria, consideramos que além das intervenções no território buscarem inspirar a comunidade no acesso a arte local, as obras são exemplos de uma estética fortemente decolonial, que contempla a complexidade dos povos marginalizados em conexão com a ancestralidade, contribuindo no empoderamento e autoestima da população periférica. Desta forma, toda a dinâmica destes coletivos culturais é embasada no protagonismo e na auto-organização da comunidade, objetivando

construir uma nova alternativa de desenvolvimento local, através de saberes e vivências pautadas na coletividade e na construção do sujeito periférico.

Diante das complexidades do que foi o colonialismo no Brasil, historicamente, os cargos de poder e liderança no setor público são ocupados por grupos pouco representativos, em sua maioria branca, no sentido que há uma ausência de representatividade das populações negra — em grande parte periférica — e indígena no preenchimento desses cargos, o que acaba por influenciar diretamente na formulação das políticas públicas. Ao considerarmos que, ainda existem áreas com índices maiores de vulnerabilidade social, pode-se dizer que são essas áreas que a ineficiência do Estado faz a maior diferença, ou seja, a falta de investimento em equipamentos culturais, assim como a ausência de agendas que priorizem o olhar para a periferia, impactam negativamente no desenvolvimento da cidade como um todo, assim como aumentam a desconfiança da população em relação às instituições públicas. Neste sentido, a auto-organização e participação das populações periféricas nos debates públicos voltados para pensar o espaço e o território são fundamentais para trazer outras formas de visão que fortalecerão a qualidade de projetos e políticas públicas executados na periferia. Portanto, ao analisarmos esses fatores, nossa reflexão está pautada na hipótese de que o ativismo dos coletivos culturais é um ato político que colabora amplamente com a sustentabilidade social e a promoção da garantia dos direitos sociais no território periférico, ou seja, local que muitas vezes a gestão pública não chega de forma absoluta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate que propomos entre decolonialidade e cultura, surge a partir da ideia de reconhecer conhecimentos não tradicionais, que vão de encontro as teorias críticas do pós-colonialismo em razão da contestação do lugar de subalterno que é empregada nas práticas culturais executadas. No Brasil houve experiências decoloniais no campo da cultura, ainda que não sejam intituladas nomeadamente, como o Teatro Experimental do Negro – TEN de Abdias de Nascimento, que buscava fortalecer a valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, e a própria exportação da cultura hip-hop, que contribuiu para um novo estilo de estética própria das populações marginalizadas, em sua maioria negras e pobres, através de manifestações culturais que reuniam cultura, movimento e política.

Assim, fazemos uma reflexão no sentido de que o potencial emancipatório dos coletivos culturais da Vila Flávia evidencia-se a partir dessa contestação — e neste caso, originada através do desenvolvimento da cultura hip-hop no país — e da afirmação de novas identidades: a do sujeito periférico e da periferia enquanto potência. Dessa forma, as ações culturais do São Mateus em Movimento e do Grupo Opni são apontadas por esse trabalho como ações decoloniais, considerando que as intervenções produzidas por esses coletivos visam descolonizar os conhecimentos que foram atravessados pelos mecanismos de poder e visam ressignificar o território através da arte, cultura e educação, mas do ponto de vista do sujeito periférico.

Um segundo ponto, é que apesar de inegável o avanço das políticas culturais no século XXI na cidade de São Paulo, pode-se dizer que a ampliação da cultura e o acesso a direitos sociais no território da Vila Flávia não seria possível sem a atuação política dos grupos culturais da região, tendo em vista que estes grupos, além de constituírem o espaço urbano, desenvolvem relações de construção de novas identidades locais e incentivam o sentimento de pertencimento da comunidade.

Quando se trata da construção dessa nova identidade, romper com a dominação epistemológica e recriar práticas contra hegemônicas são os desafios principais para a emancipação de povos oprimidos historicamente. Historicamente, resistir às consequências do neoliberalismo, como as desigualdades sociais e a segregação socioespacial, foram as motivações iniciais dos coletivos quando se

articularam para promover as ações culturais. Mas a continuidade das ações e o compromisso dos coletivos com o território estão pautados, explícita ou implicitamente, na retomada do protagonismo do sujeito periférico e da periferia.

E como este debate pode ser pensado no campo da gestão pública? Acreditamos que pensar de forma decolonial na produção do espaço e na formulação de políticas públicas é imprescindível quando se pensa em uma sociedade justa e igualitária, e que ainda é tão marcada pelas desigualdades sociais, frutos dos processos de colonização. Ressignificar conhecimentos populares, nesse sentido, é resgatar através da cultura, as identidades que foram apagadas e desconsideradas nos processos de formação e planejamento do espaço urbano. É um desafio que deve ser assumido por toda a sociedade, e incentivado por gestores públicos, para a construção de uma nova epistemologia alternativa, que contemple as classes e os conhecimentos marginalizados.

REFERÊNCIAS

ALBINATI, Mariana Luscher. **A produção de espaços culturais na Zona Portuária do Rio de Janeiro: entre isotopias e heterotopias**, 2016. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AMARAL, Mônica Teixeira do. O rap, a revolução e a educação: do Bronx à Primavera Árabe. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 36, n. 56, p. 145-159, jun. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200010&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 01 ago. 2023.

ATLAS BRASIL. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)** [banco de dados] Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha> Acesso em 11 maio. 2022.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89–117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2022.

CARVALHO, Fernando Rodrigo de. **Depoimento sobre a história do espaço São Mateus em Movimento**, São Paulo, 3 abr. 2023. Entrevista concedida à Vivian Alves de Oliveira.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Emicida: **AmarElo – É Tudo Pra Ontem**. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. Elenco: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma/Netflix, 2020. 1 DVD (89 min). Disponível na plataforma da Netflix.

FRYDBERG, Marina Bay. Afinal, o que é cultura? A trajetória de um conceito e seus desdobramentos políticos. **Caderno didático: Direitos culturais e direito à cidade**, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo Fundação SEADE, v. 14, n.4, p. 21-33, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/fZCnFGwPC3Yks9tXCg4MP8B/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 mar. 2022.

MARINO, Aluízio; FARISAN, Diego. **Cartografia Cultural de São Mateus**. 2016. (Cartas, mapas ou similares/Mapa). Disponível em <https://prezi.com/amwtef00okla/cartografia-cultural-de-sao-mateus/?frame=831051d9ba3c5e9e66429b69b5d554fd40ecbadc> Acesso em 03 mar. 2022

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 66–80, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16181>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OPNI, Toddy. **Depoimento sobre a história do Grupo Opni**, São Paulo, 10 ago. 2022. Entrevista concedida à Vivian Alves de Oliveira.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras**, São Paulo. [banco de dados] Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758 Acesso em 11 maio. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Nossos espaços**, São Paulo. [banco de dados] Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura//#> Acesso em 11/05/2022.

PORTELA, Caio Barbosa. A perspectiva decolonial no pensamento social brasileiro: pode a subalterna falar? In: 45 Encontro Anual da ANPOCS, 2021, Online. **Anais do 45 Encontro Anual da ANPOCS**. São Paulo: ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Egardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

Racionais Mc's – **Das Ruas de São Paulo pro Mundo**. Direção: Juliana Vicente. Produção: Preta Portê Filmes. Elenco: Mano Brown, Edi Rock, KL Jay, Ice Blue. São Paulo, 2022. 1 DVD (116 min). Disponível na plataforma da Netflix.

SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/753> Acesso em: 12 jan. 2022.

SANTOS, Rosenverck Estrela. A HISTÓRIA DO HIP-HOP: resistência da juventude negra no contexto neoliberal. **Cultura Crítica**, v. 7, p. 16-24, 2011. Disponível em https://www.apropucsp.org.br/_files/ugd/2a264a_06b8db75769c4205a8daa24fca503d54.pdf Acesso em: 27 jul. 2023.

SILVA, Rafaela Maiara Santos da. **Depoimento sobre as ações do espaço São Mateus em Movimento**, São Paulo, 4 abr. 2023. Entrevista concedida à Vivian Alves de Oliveira.

SOUSA, Adriano José de. **COTIDIANO E LUTAS SOCIAIS NA PERIFERIA DE SÃO PAULO: SUJEITOS HISTÓRICOS DA URBANIZAÇÃO DE SÃO MATEUS (1950-1992)**, 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUSA, Adriano José de. Os transportes na formação urbana das periferias: a luta dos moradores de São Mateus pela circulação na cidade de São Paulo. **Fronteiras**, [S. l.], v. 24, n. 43, p. 149 –170, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/15986>. Acesso em: 12 jan. 2023.

TJABBES, Bernard Alexander Lemos. **Políticas culturais municipais em São Paulo (1935-2016): uma abordagem territorial**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.